

Building the way

**LITERATURA MARGINAL E DIREITOS HUMANOS:
DENÚNCIAS EM *O CÉU PARA OS BASTARDOS***

**MARGINAL LITERATURE AND HUMAN RIGHTS:
DENUNCIATIONS IN *O CÉU PARA OS BASTARDOS***

Heloize Gonçalves Pinho¹ 

Carlos Fernandes Alves² 

Luciana Nogueira da Silva³ 

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar e discutir as principais características da literatura marginal, bem como examinar de que maneira a obra *O céu para os bastardos*, de Lília Guerra, articula as violações de direitos humanos. Por meio de um estudo bibliográfico, buscamos compreender como se configura a relação entre espaço narrativo, construção das personagens e representação das violações de direitos humanos, além de examinar o estilo literário de Lília Guerra. Para fundamentar nossa análise, recorreremos a autores que discutem literatura, marginalidade, classe e direitos humanos, como Candido (2002, 2011), Hooks (2013), Ferréz (2001), Nascimento (2006), Miranda (2013) e Escrivão, Silva e Souza Júnior (2016), entre outros. A metodologia adotada baseia-se em pesquisa bibliográfica e leitura crítica da obra. Constatamos que o romance se aproxima da concepção de literatura de escrevivência, proposta por Evaristo (2017, 2020), ao incorporar vivências de sujeitos historicamente silenciados e evidenciar desigualdades estruturais, transformando a escrita em

¹Graduada em Letras, Língua Portuguesa/Língua Inglesa pela Universidade Estadual de Goiás (UEG)

heloize.pinho@professor.to.gov.br
<http://lattes.cnpq.br/4442333241658151>
<https://orcid.org/0009-0005-7082-0412>

²Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG)

carlosfnds18@gmail.com
<https://lattes.cnpq.br/1530439974283776>
<https://orcid.org/0009-0003-1963-3908>

³Doutora em Direitos Humanos pelo Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania da Universidade de Brasília (UnB)

luciana.professora.educ@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8846205287172888>
<https://orcid.org/0009-0009-2089-9491>

Building the way

instrumento de memória, denúncia e afirmação identitária, embalada pelo samba.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Marginal. Camadas Sociais. Direitos Humanos.

ABSTRACT: This article aims to analyze and discuss the main characteristics of marginal literature, as well as to examine how the work *O céu para os bastardos*, by Lília Guerra, articulates human rights violations. Through a bibliographic study, we seek to understand how the relationship between narrative space, character construction, and the representation of human rights violations is configured, in addition to examining Lília Guerra's literary style. To support our analysis, we draw on authors who discuss literature, marginality, class, and human rights, such as Antonio Candido (2002, 2011), bell hooks (2013), Ferréz (2001), Abdias do Nascimento (2006), Ana Miranda (2013), and Escrivão, Silva, and Souza Júnior (2016), among others. The methodology adopted is based on bibliographic research and a critical reading of the work. We find that the novel aligns with the concept of *escrevivência* proposed by Conceição Evaristo (, 2017, 2020), as it incorporates the lived experiences of historically silenced subjects and highlights structural inequalities, transforming writing into an instrument of memory, denunciation, and identity affirmation, set to the rhythm of samba.

KEYWORDS: Marginal Literature. Social Layers. Human Rights.

Considerações Iniciais

A literatura como arte da palavra se transformou ao longo do tempo em uma forma de expressão potente. As formas de criação são diversas e as produções podem desempenhar diferentes funções sociais. Ao longo do tempo se tornou um grande mecanismo de registro histórico e por abordar, também, recortes sociais e culturais. Além disso, se mostra como meio de crítica social e revelação dos sentimentos humanos.

É nesse aspecto social que se insere literatura marginal/periférica. É um espaço de resistência e empoderamento, na qual vozes marginalizadas encontram espaço para expressar suas experiências e

Building the way

questionar as estruturas sociais dominantes. Como exemplo, temos, Lília Guerra, uma escritora contemporânea que tem sido reconhecida por suas obras ao explorar temas como gênero, raça, classe social e outras formas de opressão.

Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo examinar as contribuições da literatura de Lília Guerra para a representação feminina e a examinar a denúncia dos direitos humanos em *O céu para os bastardos*, publicado em setembro de 2023. O romance traz uma abordagem das mazelas sociais enfrentadas por uma camada da sociedade, além de desnudar sensações e sentimentos dessas pessoas, sobretudo, mulheres.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da referida pesquisa foi a bibliográfica que é “uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos” (Oliveira, 2008, p. 69).

Quanto à organização do artigo, ele está dividido em três seções principais: O primeiro trata do direito ao acesso e à produção literária: o papel humanizador da literatura. O segundo aborda aspectos relacionados à literatura marginal ou periférica, como o direito de contar a própria história, a fim de situar conceitos. E, por fim, o terceiro tópico é *O céu para os bastardos*, de Lília Guerra, que se dedica especificamente a destacar na obra a representação das mulheres: gênero e o direito à dignidade, e o espaço: a periferia como palco de violações de direitos.

O direito ao acesso e à produção literária: o papel humanizador da literatura

A literatura tem desempenhado um papel fundamental na sociedade ao longo dos séculos, transcendendo as barreiras do tempo e do espaço para nos proporcionar uma visão rica e complexa da experiência humana. Uma das facetas mais marcantes desse poderoso

Building the way

meio artístico é sua capacidade de humanizar (Cândido, 2002), de mergulhar nas profundezas da psique humana e trazer à tona as complexidades que nos tornam quem somos. Ao explorar temas universais, dilemas morais, aspirações e imperfeições, a literatura nos convida a refletir sobre nossa própria humanidade e a estender a mão para compreender as dos outros.

Segundo Vincent Jouve (2012), a literatura desempenha um papel fundamental no enriquecimento da existência e no desenvolvimento do espírito crítico do leitor. Além disso, ela pode ampliar a experiência humana e promover a liberdade de juízo. Outra reflexão abordada pelo autor é que a literatura pode ser uma ferramenta para a formação de leitores críticos e reflexivos, capazes de compreender e interpretar diferentes discursos presentes na sociedade. Nesse sentido, a literatura pode contribuir para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados em questões sociais e políticas.

Candido (2011), ao dissertar a respeito dos direitos fundamentais ao ser humano, elenca o direito à literatura entre eles. Ele reforça que “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (Candido, 2011, p. 172). Isso implica reconhecer que todos os indivíduos detêm os mesmos direitos fundamentais, reconhecendo bens físicos, mentais e espirituais como ditos incompressíveis, ou inegáveis, para a sobrevivência humana:

[...] a **luta pelos direitos humanos** pressupõe a consideração de tais problemas, e chegando mais perto do tema eu lembraria que são bens incompressíveis não apenas os que assegurem sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o

Building the way

direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (Candido, 1988/2011, p. 176 [grifo nosso]).

O que caracteriza as necessidades humanas como algo a mais que as esferas que envolvem o bem-estar físico, mas incluindo o desenvolvimento mental e espiritual do homem nos direitos fundamentais. De modo que a vida cotidiana é imersa na cultura da sociedade em que se vive estando em uma relação de influência mútua. Assim, a literatura como arte e como uma construção cultural enriquece e fortalece a mente e o espírito do homem, possibilitando o viver para além do sobreviver, encontrando em diversos tipos de textos literários, alternativas que facilitem o enfrentamento dos desafios experienciados na vida.

A literatura, porém, não se configura apenas como fonte de fantasia, o que suscita o questionamento: “A literatura tem uma função formativa de tipo educacional?” (Candido, 2002, p. 82). Segundo o autor, a literatura no contexto educacional não deve ser tratada sob uma perspectiva utilitária ou tradicional. Encará-la meramente como instrumento de ‘elevação’ ou edificação moral acaba por prejudicar o desenvolvimento da identidade, em vez de promovê-lo.

Nesse contexto, Candido (2002) discute o papel da obra literária como reconhecimento e construção da identidade do indivíduo dentro de um grupo, na qual “o leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e, deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade” (p. 92). Em concordância, Sartre (2004) explica que o escritor tem o papel de mediador na aproximação do leitor com o mundo e outras realidades.

[...] o autor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam

Building the way

em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade. [...] Do mesmo modo, a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele (Sartre, 2004, p. 21).

Consoante a esse pensamento, a literatura cumpre uma função formativa essencial. Ao utilizar a mimese e a verossimilhança para reconstruir o real, a obra literária expõe o ser humano em sua integralidade. Esse processo impede a indiferença e enriquece o leitor, oferecendo-lhe um 'espelho' crítico da sociedade que exige um posicionamento ético perante o mundo. Como defendido por Aristóteles (2008),

[...] parece ter havido para a poesia em geral duas causas, causas essas naturais. Uma é que imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações” (Aristóteles, 2008, p. 42).

Assim, a mimese se configura na transformação da realidade em arte, pela tendência natural do homem em imitar a natureza e o fazer de modo verossímil, sendo esta a capacidade textual de parecer real e se fazer crível, em busca sempre do “necessário ou o verossímil de maneira que uma personagem diga ou faça o que é necessário ou verossímil e que uma coisa aconteça depois de outra, de acordo com a necessidade ou a verossimilhança” (Aristóteles, 2008, p. 68).

O desenvolvimento de uma história que obedeça a uma coerência interna e se torne plausível ao leitor, ou seja, o discurso literário pode ser baseado em uma realidade concreta do mundo, dessa forma, a representação do ser humano deve ocorrer em sua totalidade, com todas as nuances que a personalidade pode expressar.

Building the way

Paradoxos, portanto, de todo lado, mostrando o conflito entre a ideia convencional de uma literatura que eleva e edifica (segundo os padrões oficiais) e a sua poderosa força indiscriminada de iniciação na vida, com uma variada complexidade nem sempre desejada pelos educadores. Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (Candido, 2002, p. 85).

A literatura exprime a autenticidade do homem em diversas situações e suas respostas às desavenças, demonstrando que não existe alguém de todo mal ou de todo bom mas a ambivalência da existência humana. É no toque com as obras literárias que o leitor amplia seus horizontes, conhecimentos e ambições. As histórias exteriorizam os conflitos internos que podem servir de base para a descoberta dos conflitos dos próprios alunos. Assim o imaginário reflete o real.

Com isso, a literatura permite que se chegue a lugares inalcançáveis através da leitura. É, portanto, no contato com a literatura que o estudante tem acesso à experiência e culturas diversas sem a necessidade de explorar e vivenciar presencialmente uma extensa gama de momentos.

A literatura está presente no cotidiano de tantos modos que por vezes passa despercebida e não se trata apenas de textos eruditos, de modo que sua influência na construção da identidade e da personalidade é um fato incontestável. Expõem perspectivas diversas e colabora para as pessoas refletirem sobre temas que talvez antes não fossem considerados importantes, aumentando a capacidade de entendimento de diferentes discursos e visões de mundo.

Assim, quanto maior for o contato com as várias modalidades literárias maior será a construção de importantes características humanas. Nessa empreitada, é necessário ir para além de textos clássicos e não se abster de incluir produções comumente denominadas como periféricas,

Building the way

visto que possuem grande valor literário nas representações de cenários vividos pelo homem.

Literatura marginal ou periférica? O direito de contar a própria história

A literatura que emerge como marginal altera a lógica excludente dos espaços de fala e representação, pois evidencia a efervescência existente à margem do cânone literário histórico. Nessa perspectiva, o direito à literatura não se restringe ao consumo e à produção textual, mas concretiza-se, sobretudo, no direito de narrar a própria história e de visibilizar uma estética e uma cultura historicamente negligenciadas.

Lília Guerra, enquanto autora periférica, reivindica por meio de sua obra o direito humano à cultura literária e à autoexpressão de seu grupo social. Desse modo, sua escrita lança luz sobre a comunidade, conferindo-lhe legitimidade e representatividade. Ao ocupar espaços na mídia, a autora carrega consigo o coletivo, reafirmando a potência de sua produção cultural. Trata-se, portanto, do exercício pleno de um direito inalienável, no qual o ato de escrever se consolida como um ato político de acesso a direitos.

A literatura marginal pode ser compreendida como aquelas produções que por um motivo ou outro se encontram à margem do sistema literário, pois “a Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, ou seja, os de grande poder aquisitivo” (Ferréz, 2001, p. 3). Essa marginalidade confina produções que não se adequam ao padrão cultural dominante como precária, socialmente inferior e as situam à beira ou à margem da sociedade.

Ferréz (2005) destaca a cultura de um povo minorizado devido às condições de negação dos direitos aos quais são submetidos, mas que em seu todo são uma maioria que luta diariamente por dignidade. Um novo

Building the way

tipo de escritor marginal com aspectos que mudaram as definições na escrita e posicionamento dos autores dentro desse novo movimento cultural. Trata-se de um processo de resignificação do escritor marginal. Ferréz (2005) no texto *Terrorismo Literário* faz uma espécie de manifesto e para além de apresentar novos autores, mas inaugura e justifica a postura política e estética dos autores periféricos frente ao cânone literário tradicional.

Entendida como uma reação às violências sofridas, a literatura configura-se como 'arma'. É nesse contexto que surge o conceito de 'Terrorismo Literário', em que Ferréz defende a escrita como um combate para forçar a entrada da voz periférica nos espaços de poder. Para o autor (2005), a favela dispensa intermediários para contar sua história, reivindicando o princípio do 'Nós por Nós Mesmos'. A periferia assume, assim, a autoria de sua narrativa: deixa de ser o 'objeto' de estudo sociológico para se tornar o sujeito que escreve. Como ilustra a metáfora de Ferréz, eles não querem mais ser o 'retrato' feito por outros, mas sim assumir a câmera e tirar a própria foto.

Inquestionavelmente a precursora de narrativas provenientes das experiências vividas na favela são os escritos de Carolina Maria de Jesus como *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), mas o sentimento de pertencimento a uma comunidade é divergente, ainda que se aborde em seu trabalho as dificuldades oriundas da sua origem social desvalorizada e dos espaços subalternos a que pertenceu, as obras de Carolina foram produzidas buscando uma libertação de sua condição periférica. Como ressaltado por Miranda (2013):

Toda a luta de Carolina Maria de Jesus – e de outros sujeitos cujas histórias são narradas por ela – era para sair da favela, espaço que violentava sua dignidade. Vitoriosa, ela conseguiu, através da publicação de seu livro, realizar tal desejo. Não havia, absolutamente, na favela do Canindé onde a autora viveu, a ideia de pertença a uma comunidade,

Building the way

muito forte nos discursos mais contemporâneos acerca da vivência nas periferias (Miranda, 2013. p. 5-6).

Por outro lado, a literatura periférica é o relato, os pontos de vista e as vivências dos próprios protagonistas, como aponta Nascimento (2006). Não é um diário cotidiano do que se imagina e espera que aconteça dentro do território periférico, mas a perspectiva de quem experimenta na pele o dia a dia na favela.

Um termo injurioso constitui uma sociabilidade negativa; este mesmo termo pode, no entanto, ser abraçado, saudado, afirmado, e utilizado estrategicamente para nomear um coletivo ativo e ativista, militante. O termo é utilizado pela afirmação localizada, apropria-se de sua herança negativa, inverte o estigma. [...] Apropriar-se dele é inverter o sentido da injúria, é transformar a marca do estigma em marca de circulação de um coletivo. O bonde chamado desejo (Penna *apud*; Medeiros; Peçanha; Hapke, 2015, p. 14).

Com isso, reconstituir e remodelar o termo se configura em uma tentativa de apagar o estigma de que favelado não tem cultura e que não agrega nada de valor para a sociedade e, por consequência, adiciona orgulho a um rótulo que costumava ser depreciativo, ressignificando uma ideia e contribuindo na construção da identidade de jovens e adultos. Ao incorporar nos textos, raps, poemas e produções artísticas as características e especificidades de quem vive à margem, gera reconhecimento e sentimento de pertencimento.

Essa referencialidade se transfigura em um discurso representativo, que é sustentado em efeitos performáticos de “transparência” e “verdade”, indicando que a literatura periférica busca ser transparente e verdadeira em relação às experiências e vivências dos autores e personagens, criando um discurso que é ao mesmo tempo estético e político.

Building the way

O que se coloca hoje não é mais simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas sim que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais. O problema da representatividade, portanto, não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade das percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala (Dalcastagnè, 2002. p, 34).

A autora destaca que, atualmente, o problema não é apenas que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas sim que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais. Ou seja, a literatura muitas vezes não reflete muitas das experiências e perspectivas que existem na sociedade. A autora argumenta que o problema da representatividade não se resume apenas ao olhar honesto do outro ou ao respeito por suas peculiaridades, mas se concentra no fato de que mesmo produzido não são todos os autores que encontram visibilidade ou reconhecimento.

Ao instigar no leitor o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento e de reconhecimento, a literatura marginal e periférica demonstra uma faceta formativa, além de estimular manifestações em defesa do direito de minorias e compor um espaço de denúncia que atravessa o literário e atua no contexto social. As contribuições para o campo literário, nesse sentido, são as de evidenciar que há outras formas de literatura fora do cânone literário, produzidas por sujeitos historicamente silenciados e oriundos das periferias urbanas e de contextos socialmente vulnerabilizados, que transformam suas vivências em matéria estética e política.

É nesse contexto que se insere o livro *O céu para os bastardos* publicado em 2023 e, por esse motivo, nos centraremos nas definições de literatura marginal em que melhor se encaixa a autora Lilia Guerra e a obra escolhida como alvo do presente trabalho.

Building the way

O céu para os bastardos, de Lília Guerra

A romancista Lília Guerra, nascida em 1976 em São Paulo, atualmente trabalha como auxiliar de enfermagem no SUS. Usa o cotidiano para se inspirar escrever contos que enchem seus livros de vida e arte. O primeiro livro publicado foi *Amor avenida*, lançado de forma independente em 2014, foi inspirado na história de como sua mãe conheceu seu pai, um homem mais velho que desapareceu quando a autora ainda tinha três anos. O próximo livro escrito foi *Perifobia* lançado pela editora Patuá em 2018, que foi finalista do Prêmio Rio de Literatura em 2019. É autora de outras obras como *Rua do Larguinho e outros descaminhos* (Patuá, 2021), *Crônicas para colorir a cidade* e *Novelas que escrevi para o rádio vols. 1, 2 e 3* (Patuá, 2022).

O céu para os bastardos é uma obra muito recente, publicada em setembro de 2023. A história é narrada por Maria Expedicionária, ou Sá Narinha como é conhecida em Fim-do-Mundo, favela onde mora. Ela trabalha na casa de uma família de classe média como empregada doméstica. O livro é narrado em tempo psicológico e trata de uma mãe cujo filho cometeu um crime, com ênfase nos sentimentos da genitora e as complexidades da vida. Escrito no ônibus e nas poucas horas vagas que a autora dispunha, representa um perfeito mosaico da vida na periferia, com muitos personagens (porque na periferia há muita gente) que a autora faz questão de nomear e muitas histórias que retratam as vidas comuns de quem vive neste espaço.

Apesar do grande número de personagens, a forma autêntica de sua escrita torna o livro extremamente rico em material. Por este motivo, desenvolvemos o estudo em torno de dois aspectos principais: a representação das mulheres na obra, tecendo uma análise sobre gênero e direito à dignidade e o espaço da periferia como palco de violações de direitos.

Building the way

A representação das mulheres: gênero e o direito à dignidade

Embora Lilia Guerra retrate figuras masculinas em sua obra, o protagonismo é invariavelmente feminino. Ao ser indagada sobre isso, a autora afirma que a escolha vem do seu contexto, por ter tido sempre figuras femininas ao seu redor. Aos quatorze anos, Lilia enfrentou um aborto seguido de violência obstétrica. Marcada pelo trauma e impossibilitada de acessar o acompanhamento psicológico prescrito à época, ela encontrou na escrita o refúgio para reelaborar essa vivência.

Essa tentativa de reescrever a realidade se iniciou em *Rua do Larguinho* e pode ser percebida também nas personagens femininas no livro *O céu para os bastardos*, de modo que essas personagens são majoritariamente descritas com certa exaltação, como no caso de Regininha, uma garota era nora da protagonista, namorada de Júlio Cesar, apresentada na obra como muito querida por todos que a rodeavam. É a responsável pela alegria e pela angústia de Sá Narinha. O início do namoro foi comemorado com grande alegria, pois a menina “Regina foi sempre delicada. Franzina e sonhadora. Queria se casar e ter filhos. Desejava experimentar amor” (Guerra, 2023, p. 43-44).

Em uma análise da personagem Maria Expedicionária, observa-se que a protagonista, Sá Narinha, não demonstra nenhum amor maternal especial pelo filho. Ao saber que ele machucou Regina, seu sentimento transforma-se em culpa. Assim, em vários momentos, ela reforça que se arrepende de tê-lo dado à luz. De fato, mesmo ao ouvir as amigas falarem mal do filho, não conseguiu defendê-lo. “Busquei dentro de mim um punhado de indignação materna que fosse. Um abalo que me levasse a tirar satisfação com Doroteia, defender meu filho, romper com ela. Não encontrei” (Guerra, 2023, p. 41). A falta de empatia com o filho pode ser

Building the way

entendida pelo que ele representava. Júlio Cesar era filho do homem que Valdumira, irmã de Sá Narinha, amava.

Mira, como a narradora se refere a irmã, é descrita quase como uma santa “Mira carrega um feixe pesado de castidade. Como se transportasse num ardor a imagem de uma santa esculpida em madeira maciça, cujos pés, desgraçadamente, parece que nunca hão de quebrar.” (Guerra, 2023, p. 60). Sá Narinha sente que roubou o amor que deveria pertencer à irmã e que, se a irmã soubesse de quem Júlio era filho, ficaria magoada. Este também é o motivo de não assumir compromisso com o rapaz e posteriormente aceitar manter um caso extraconjugal quando ele já havia se casado com outra moça. Olhar para Júlio é um lembrete constante do pai, da relação que tiveram e dos sentimentos controversos que a relação proporcionou.

Na obra de Lília, de fato, a maioria das mulheres são retratadas como bondosas, caridosas e corajosas. Mulheres que, em mais de uma ocasião, tiveram suas vidas arruinadas por um homem. Como Duca que fugiu do “carrasco que a perseguia dentro da própria casa” e acabou ficando viciada na “substância”. Jurema, outra personagem, conforme relata a autora, morreu alvejada por tiros na frente dos filhos, pois o marido se envolveu com o crime. A autora afirma: “Isso acontece o tempo todo, e não quero que fique esquecido. Ela representa muitas mulheres.” (Guerra, 2023).

Dona Gerda, a patroa de Sá Narinha, destoa das mulheres construídas por Guerra. Aqui a mulher representa todas as injustiças que na infância a autora presenciou enquanto acompanhava sua avó materna na rotina de empregada doméstica. Além disso, Dona Gerda pode ser descrita como a personificação dos preconceitos dos patrões em relação às empregadas domésticas, uma vez que protagoniza as pequenas humilhações vivenciadas nessa profissão.

Building the way

A obra de Guerra (2023) constitui um exemplo de protagonismo humanista — não qualquer protagonismo, mas aquele em que o sujeito periférico se torna evidente e socialmente relevante.

Os direitos humanos, assim, se erigem como um programa que dá conteúdo ao protagonismo humanista, conquanto orienta projetos de vida e percursos emancipatórios que levam a formulação de projetos de sociedade, para instaurar espaços recriados pelas lutas sociais por dignidade (Escrivão Filho; Sousa Junior, 2016, p. 229).

A escrita de Lilia Guerra tem uma perspectiva interseccional no que diz respeito aos Direitos Humanos tendo em vista que sua obra é uma representação da realidade nos aspectos que abrangem a raça, classe e gênero. Segundo Hooks (2013, p. 266) “independentemente de classe, raça, gênero ou posição social, sem a capacidade de pensar criticamente sobre nosso ser e nossa vida, ninguém seria capaz de progredir, mudar e crescer.” Para além de uma importante obra literária, a escrita de Lilia Guerra é uma forma de pensar criticamente a sociedade na qual se insere.

[...] não podemos silenciar quanto à violência cotidiana da exploração econômica e da opressão racial a que estão expostas milhares de glórias marias, de lecyys, de aglaetes, de alzirias e de reginas da vida. Do fundo do poço do seu anonimato — nas favelas, na periferia, nas prisões, nos manicômios, na prostituição, na “cozinha da madame”, nas frentes de trabalho nordestinas —, talvez nunca tenham ouvido falar de direito de cidadania, mas têm consciência do que significa ser mulher, negra e pobre [...] (Gonzalez, 2020, p. 100).

A ênfase nos sentimentos da genitora, Sá Narinha, expõe a complexidade da vida dessas pessoas e revela como a vulnerabilidade social se intensifica pela interseção de gênero e raça. Mulheres em contextos periféricos frequentemente enfrentam uma dupla ou tripla vulnerabilidade (gênero, raça e classe). O trabalho de Sá Narinha (serviço

Building the way

doméstico) e os desafios que ela enfrenta como mãe de um filho que cometeu um crime refletem a injustiça social e a sobrecarga imposta a essa parcela da população.

Ao relacionar as moradoras e os moradores com o espaço em que vivem, pode-se perceber muitas mazelas de ordem social, afetiva e financeira. Nessa relação, o sofrimento e as dificuldades recorrentes, começam ao raiar do dia e perduram até a volta para casa em um ônibus lotado.

O espaço: a periferia como palco de violações de direitos

É possível perceber o grande contraste entre os ambientes em que a narrativa se passa. A favela é sempre descrita como um lugar de pouca estrutura física, com pontos que ressaltam as violências das quais os moradores da periferia são expostos, mas um lugar muito solidário nos momentos de necessidade dos moradores. Ao descrever as ruas de Fim-do-Mundo se expressa bem as estruturas físicas do lugar “Como são sujas as ruas. As calçadas aleijadas. Fios repletos de restos de rabiola. Paisagem doente. Cheiro de fossa, correntezas de água podre beirando as guias” (Guerra, 2023, p. 136).

Um ponto muito citado pela autora é a dificuldade de acesso a Fim-do-Mundo. A quantidade de ônibus na linha se mostra insuficiente para dar conta da demanda, o que ocasiona em um transporte superlotado prejudicando a experiência do usuário que se sente “feito sardinha enlatada” (Guerra, 2023, p. 15).

Apesar das dificuldades provenientes de se viver nestas condições, a comunidade é representada como bastante unida. Demonstrando solidariedade nos momentos de dificuldade enfrentados pelos moradores. Algumas situações podem ser elencadas para indicar esses momentos.

As situações elencadas acima são exemplos da representação física e social que se encontram na periferia existente no livro. Para o

Building the way

desenvolvimento e a criação deste ambiente a inspiração partiu da própria vivência de Lilia, moradora de uma favela em São Paulo. Ao dedicar-se à escrita, a autora não busca representar uma realidade concreta de modo literal; em vez disso, recorre à mimese, conceito outrora discutido por Aristóteles (2008), para conferir verossimilhança e autenticidade à descrição do espaço retratado.

Ao observar tais descrições do espaço de Fim-do-Mundo com a realidade da autora, observa-se uma dualidade: vida real e ficção. Conceição Evaristo (2017) define esse tipo de escrita como “escrevivência”, quando o processo criativo se assemelha com as vivências pessoais e/ou coletivas.

Foi meu primeiro experimento em construir um texto ficcional com (fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de Becos, mesmo que de modo quase que inconsciente, eu já buscava construir uma forma de escrevivência. [...] E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo (Evaristo, 2017, p. 9).

Como salienta Ferréz (2001), trata-se de ser o tema e morar dentro do tema. As vivências de Lilia Guerra viram “escrevivências” que denunciam e se configuram como resistência às diversas descon siderações aos Direitos Humanos.

Ao descrever as mazelas de Fim-do-Mundo, Guerra transforma a narrativa em uma denúncia explícita das violações de direitos humanos, acentuadas pela omissão estatal que nega aos moradores as condições de vida decentes postuladas por Candido. O direito à moradia digna, ao saneamento básico, à segurança e à mobilidade urbana são sistematicamente violados no espaço narrado pela autora. Nesse cenário, a precariedade deixa de ser apenas paisagem para se tornar um agente

Building the way

que molda a subjetividade das personagens, revelando como a ausência de cidadania plena perpetua ciclos de exclusão e silenciamento.

Considerações Finais

A análise da obra *O céu para os bastardos* confirma que a literatura de Lília Guerra transcende a função de entretenimento, estabelecendo-se como um instrumento de denúncia e reivindicação de subjetividade. Ao descrever as mazelas de Fim-do-Mundo, Guerra transforma a narrativa em uma exposição explícita das violações de direitos humanos, acentuadas pela omissão estatal que nega aos moradores as condições de vida decentes postuladas por Antonio Candido.

O direito à moradia digna, ao saneamento básico, à segurança e à mobilidade urbana são sistematicamente violados no espaço narrado pela autora. Nesse cenário, a precariedade deixa de ser apenas paisagem para se tornar um agente que molda a subjetividade das personagens, revelando como a ausência de cidadania plena perpetua ciclos de exclusão e silenciamento.

Essa denúncia, contudo, não se faz de fora para dentro. A obra consolida a premissa da literatura marginal periférica defendida por Ferréz, operando a transição do morador da favela de "objeto" de estudo sociológico para "sujeito" de sua própria história. Através do conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo, Lília Guerra confere humanidade e complexidade às suas personagens — majoritariamente mulheres negras que, apesar da vulnerabilidade social e afetiva, exercem um protagonismo resiliente. A narrativa rompe com estereótipos, mostrando que, mesmo em um espaço denominado "Fim-do-Mundo", pulsam vidas que amam, sofrem, erram e resistem, reivindicando o direito de existir para além das estatísticas de violência.

Nesse sentido, a obra de Guerra dialoga diretamente com a concepção de Direitos Humanos fundamentada por Escrivão Filho e

Building the way

Sousa Junior, onde a dignidade não é uma dádiva estatal, mas uma conquista das lutas sociais e do protagonismo humanista. O livro atua como um "documento estético" que impede a sociedade de ignorar a realidade periférica.

Ao dar voz a figuras como Sá Narinha, a autora evidencia que a garantia dos direitos fundamentais é indissociável do direito à cultura e à autorrepresentação. A literatura, aqui, funciona como a "arma" citada no manifesto do Terrorismo Literário, forçando a entrada dessas vozes nos espaços de poder e exigindo que o leitor abandone a posição de inocência diante das desigualdades estruturais.

A obra não apenas expõe as fraturas de uma sociedade desigual, mas também restaura a dignidade de sujeitos historicamente marginalizados, oferecendo-lhes um lugar de fala.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução e notas de Ana Maria Valente; prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Editora 34, 2002.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

DALCASTAGNÊ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 20, jul./ago. 2002.

ESCRIVÃO FILHO, Antônio Sérgio; SOUSA JUNIOR, José Geraldo de. **Para um debate teórico-conceitual e político sobre os direitos humanos**. 1. ed. Belo Horizonte: D'Plácido, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

Building the way

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo | Escrivivência**. 2020.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 27 fev. 2026.

FERRÉZ. Manifesto de abertura: literatura marginal. In: **Caros Amigos**. Literatura marginal: a cultura da periferia: ato I. São Paulo, 2001. Suplemento literário.

FERRÉZ. Terrorismo literário. In: FERRÉZ (org.). **Literatura marginal: talentos da escrita periférica**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUERRA, Lilia. **O céu para os bastardos**. 1. ed. São Paulo: Todavia, 2023.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JOUE, Vincent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. A experiência literária marginal em três atos: o maldito dos anos 70, o “periférico” contemporâneo e a outsider Carolina Maria de Jesus. **Estação Literária**, Londrina, v. 12, p. 332-342, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5433/el.2013v12.e26238>.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena**. 2006. 211f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PENNA, João Camilo. Margem entrevista. In: TENNINA, Lucía; MEDEIROS, Mário;

PEÇANHA, Érica; HAPKE, Ingrid (Org.). **Polifonias marginais**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015. p. 13-19.

PENNA, João Camilo; MEDEIROS, Mário; PEÇANHA, Érica; HAPKE, Ingrid (org.). **O bonde chamado desejo**. São Paulo: Selo Povo, 2015.

Building the way

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.